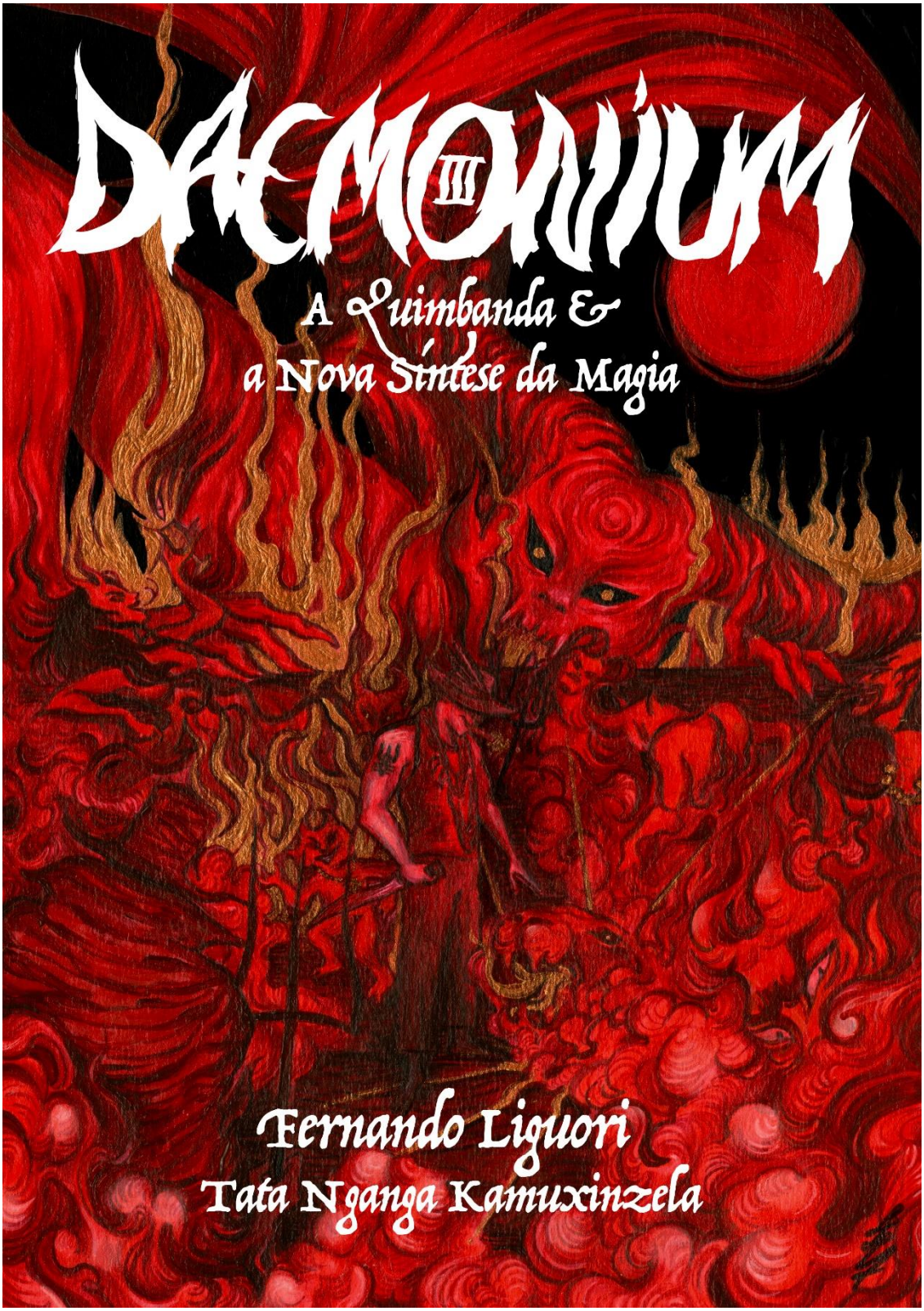
DAEMONIUM III
A Quimbanda &
a Nova Síntese da Magia
Fernando Liguori
Tata Nganga Kamuxinzela

TÁTA NGANGA KIMBANDA KAMUXINZELA

FEITIÇARIA TRADICIONAL BRASILEIRA

# QUIMBANDA GOÉCIA

## CARTOGRAFIA CELESTE & TEOLOGIA NOTURNA DA QUIMBANDA

DA SÉRIE: A QUIMBANDA & A NOVA SÍNTESE DA MAGIA[1]

## INTRODUÇÃO

> A astrologia, na perspectiva da goécia, não apenas aponta planetas e constelações: ela abre passagens para os éteres que permeiam o mundo dos mortos e o mundo dos vivos. No centro dessa dinâmica está o próprio *kimbanda*, cuja identidade define não apenas sua Quimbanda, mas também sua habilidade em canalizar as forças da Lua, do Sol e dos planetas. O Sol, a Lua e o Submundo compõem o triângulo mágico que governa tanto a feitiçaria quanto o destino. Como o mago da Antiguidade que lia nas estrelas o caminho para os mortos, o *kimbanda* de hoje, ao dominar as artes astrais, transforma seu culto em uma central energética pulsante, um elo entre a Terra e os astros, alimentando-se do espírito da escatologia e da transformação.
>
> Esta nova síntese não é uma simples junção de saberes, mas um retorno triunfante à fonte: a Quimbanda como poder real e ancestral, que canaliza a essência transformadora dos astros e o poder dos Exus, transcende o tempo e resgata o espírito da magia verdadeira. É no encontro entre o céu e o inferno, entre os éteres astrais e o poder do Submundo, que a Quimbanda brilha, imbatível e monumental, como a verdadeira *goécia brasileira*.[2]

A passagem acima, retirada do DAEMONOIUM: A QUIMBANDA & A NOVA SÍNTESE DA MAGIA (2024), condensa a própria chave da *teologia noturna* que fundamenta a *Quimbanda Goécia*: a ideia de que os astros não são apenas signos de destino, mas portais vivos para o entrecruzamento dos mundos. A astrologia, aqui, não é ciência de cálculo ou determinismo celeste, mas prática de travessia — um saber que abre caminho para os éteres e conecta vivos e mortos sob a égide do *kimbanda*. Essa ponte não existe sem o operador, pois é sua identidade, sua linhagem e sua capacidade mágica que determinam a potência do rito. O triângulo Sol–Lua–Submundo não é apenas diagrama cosmológico: é o emblema de uma prática escatológica que enraíza a Quimbanda no mesmo solo da *goēteia* antiga, onde a magia é antes de tudo mediação entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos (ou espíritos).

Este capítulo do DAEMONIUM situa a Quimbanda no coração de uma problemática escatológica que percorre as tradições da Antiguidade até o *Ocultismo* moderno: morte, julgamento, céu e inferno como realidades não apenas teológicas, mas mágicas. Ao estabelecer a escatologia como ciência do ritual, o capítulo mostra que tanto os cultos órficos quanto os PAPIROS MÁGICOS GREGOS, os grimórios medievais e as tradições afro-diaspóricas compartilham a mesma matriz: a busca por estruturar, através da liturgia e da feitiçaria, a travessia da alma no entre-mundos. É nesse ponto

---

[1] A Série *A Quimbanda & a Nova Síntese da Magia* são ensaios que orbitam o livro DAEMONIUM: A QUIMBANDA & A NOVA SÍNTESE DA MAGIA (Clube de Autores, 2024), e tratam da *incursão diabólica* no Brasil, da qual deriva a *Quimbanda Goécia* em um processo de integração entre a demonologia europeia e a feitiçaria banto-ameríndia.

[2] Fernando Liguori. DAEMONIUM: A QUIMBANDA & A NOVA SÍNTESE DA MAGIA. Clube de Autores, 2024, pp. 176-7.

que a Quimbanda, como culto ctônico, se revela herdeira direta da *goēteia* — não no sentido pejorativo atribuído pelos padres cristãos e pelos filósofos *solares*,[3] mas como a mais legítima expressão contemporânea da magia dos mortos.

Aqui, a astrologia é recuperada como parte dessa herança da goécia: não um apêndice externo, mas um eixo de poder que, quando integrado à prática do *kimbanda*, potencializa a Quimbanda. A questão não é se a Quimbanda *precisa* da astrologia, mas sim como o saber astrológico — com sua geocentricidade, sua lógica lunar e solar, e seu vínculo com o Submundo — reforça a fórmula do espírito tutelar que sempre esteve no centro dos cultos ctônicos. Ao reconhecer esse enraizamento, a Quimbanda se coloca como a filha mais bem-sucedida da *nova síntese da magia*: uma goécia brasileira, monumental, que religa os mortos, os *daimones* e os astros num mesmo circuito ritual.

Este texto foi escrito para esclarecer algumas dúvidas de leitores que acompanharam os artigos derivados do DAEMONIUM: A QUIMBANDA & A NOVA SÍNTESE DA MAGIA, dedicados à exploração da *teologia noturna*. O debate gira em torno de questões que, à primeira vista, parecem problemáticas, como as variações nos graus zodiacais atribuídos aos espíritos em diferentes grimórios. O caso de Ashtaroth é emblemático: em algumas fontes ela aparece vinculada a Leão (20–25°), em outras a Capricórnio (10–20°). Essa diversidade, longe de ser um erro ou confusão, reflete a pluralidade de correntes que compõem a tradição mágica dos grimórios, cada qual inserida em contextos históricos e culturais distintos.

A demonologia medieval e renascentista resultou de um complexo entrelaçamento de astrologia helenística, tradições judaico-cristãs, saberes árabes e sistemas cerimoniais da Renascença, como ficou conhecida a *tradição hermética*.[4] Cada manuscrito é fruto de sedimentações próprias, e por isso o mesmo espírito pode receber atribuições diferentes, obedecendo à lógica simbólica de cada corrente mágica. Nesse ponto é essencial distinguir dois planos: de um lado, os dados astronômicos, objetivos e fixáveis, como no caso das estrelas fixas;[5] de outro, as atribuições simbólicas que organizam hierarquias espirituais nos grimórios, como Ashtaroth em Leão

---

[3] A expressão *filósofos solares* refere-se, neste contexto, às correntes filosóficas e religiosas que, desde a Antiguidade, privilegiaram o culto das divindades urânicas e celestes em detrimento dos cultos ctônicos. Platão (427–347 a.E.C.), por exemplo, ao criticar os ritos órficos e dionisíacos voltados ao Submundo (REPÚBLICA II:364b–365a), contribuiu para a marginalização dos oficiantes da *goēteia*, acusando-os de superstição e corrupção da alma. O mesmo movimento se intensifica no estoicismo e no platonismo teúrgico posterior, que buscavam a purificação pela ascensão às esferas solares e intelectuais, em contraste com as práticas ctônicas de necromancia e feitiçaria. Essa distinção entre uma *filosofia solar*, voltada ao inteligível e ao apolíneo, e uma *teologia noturna* (ctônica), voltada aos mistérios lunares, telúricos e funerários, marcou de forma duradoura a oposição entre a magia aristocrática dos deuses olímpicos e a tradição da goécia marginalizada — da qual a Quimbanda é hoje sua mais vigorosa herdeira.

[4] O termo *tradição hermética*, aplicado ao Renascimento, refere-se ao esforço intelectual de filósofos e tradutores como Marsilio Ficino (1433–1499), Giovanni Pico della Mirandola (1463–1494) e Ludovico Lazzarelli (1447–1500), que retomaram e reinterpretaram a HERMÉTICA atribuída a Hermes Trismegisto. A expressão, enquanto categoria acadêmica, remonta ao estudo de Paul Oskar Kristeller (1905–1999), publicado em 1938, no qual ressaltou a centralidade dos textos herméticos na cultura renascentista. Posteriormente, Frances A. Yates (1899–1981), em GIORDANO BRUNO AND THE HERMETIC TRADITION (1964), ampliou o escopo do termo, aplicando-o a correntes históricas mais vastas, como a cabalá cristã e o misticismo alquímico. Essa extensão semântica levou Antoine Faivre (1934-2021) a propor uma distinção entre *hermetismo* (restrito ao corpus textual hermético) e *hermeticismo* (abrangendo correntes esotéricas mais amplas derivadas direta ou indiretamente da HERMÉTICA). A noção de *tradição hermética* é, portanto, menos um dado unívoco e mais uma construção historiográfica que busca dar conta da recepção e reinterpretação renascentista dos textos atribuídos a Hermes. Ver Antoine Faivre. *Hermetism*. Em Lawrence E. Sullivan. HIDDEN TRUTHS: MAGIC, ALCHEMY AND THE OCCULT. Macmillian Publishing Company, 1989, pp. 49-62. Ver também Tim Rudbog. THE ACADEMIC STUDY OF WESTERN ESOTERICISM: EARLY DEVELOPMENTS AND RELATED FIELDS. Hermes Academic Press, 2023, pp. 81-3.

[5] Sírius, por exemplo, tradicionalmente associada a Ísis desde o Egito e atualmente localizada em torno de 14° de Câncer no zodíaco tropical, ajustado pela precessão dos equinócios.

ou em Capricórnio, que funcionam mais como chaves operativas do que como coordenadas universais.

Essa distinção já foi reconhecida por autores modernos. Stephen Skinner em THE COMPLETE MAGICIAN'S TABLES,[6] registra Astaroth em dois graus distintos — 20–25° de Leão e 10–20° de Capricórnio — e a mera comparação de suas tabelas evidencia a diversidade de abordagens. Jake Stratton-Kent em THE TRUE GRIMOIRE,[7] adverte contra uma leitura literal dessas divergências, explicando que não se trata de contradições, mas de diferentes linhas de continuidade derivadas de um antigo sistema mágico-astrológico fragmentado. Ele mesmo afirma que a maior parte dos espíritos dos grimórios descende dos *daimones* helênicos, cujas atribuições astrais foram reinterpretadas ao longo dos séculos medievais e renascentistas. Essa tese reinsere os grimórios na longa duração da magia helenística, na qual a astrologia era a chave ordenadora das hierarquias *daemônicas*.

Nesse mesmo horizonte, a tradição medieval e renascentista preservou a lista das quinze estrelas chamadas *behenianas*, retomada por Jake Stratton-Kent em CYPRIAN'S OFFICES OF SPIRITS.[8] Essas estrelas, chamadas *behenianas* porque, segundo os árabes, eram os *fundamentos* (*bahman*) da virtude planetária, e funcionavam como canais privilegiados da força dos planetas, usadas sobretudo em operações de magia talismânica. Não se tratava de um catálogo completo do firmamento, mas de um recorte pragmático, fruto da tradição e da eficácia: aquelas estrelas que tinham visibilidade destacada e reputação consolidada em ritos. Por isso, alguns signos — como Áries e Peixes — não aparecem contemplados na lista apresentada no ensaio anterior.

Isso, porém, não significa ausência de potência espiritual. Peixes, por exemplo, abriga Fomalhaut, em torno de 4°, uma das quatro estrelas reais, ao lado de Regulus, Aldebaran e Antares. Embora não figure entre as quinze *behenianas*, Fomalhaut ocupa um papel excepcional como pilar cósmico. Na leitura de Stratton-Kent, ela se associa ao espírito Frutimière (ou Furtimier), mostrando que o *vazio* aparente da ausência de uma *beheniana* nesse signo é compensado por uma presença régia e de grande poder astrológico.

Em resumo, as estrelas fixas — como Fomalhaut — se apoiam em dados astronômicos objetivos e posições precisáveis, enquanto as atribuições astrais de *inteligências* como Ashtaroth operam no plano da simbólica mágica. Assim, não existe uma angulação exata ou universal para cada *inteligência terrestre* listada ou atribuída, mas sim a exigência de coerência. O magista deve escolher uma lista de referência — como a sistematização de Stratton-Kent — e nela permanecer, assegurando consistência em sua prática. É dessa forma que a astrologia, a magia e a demonologia se articulam como um único horizonte de sentido, no qual a *teologia noturna* se manifesta como campo operativo da *Quimbanda Goécia*.

## A CARTOGRAFIA CELESTE & OS REINOS DA QUIMBANDA

A cartografia celeste da *Quimbanda Goécia* não é mero exercício classificatório, mas expressão de uma *geografia sagrada*: um mapa onde os Reinos constituem arquétipos telúrico-espirituais e onde cada território responde a leis próprias, regidas por

[6] Golden Hoard, 2023, 5ª Edition.
[7] Scarlet Imprint, 2022, 2ª Edition.
[8] Hadean Press, 2024.

Exus e Pombagiras enquanto correntes vivas de poder. Na perspectiva da *teologia noturna*, essa cartografia se apresenta como eixo operativo que une Céu, Terra e Submundo em um mesmo diagrama escatológico.

O *kimbanda*, assim, não é apenas oficiante de ritos ou repetidor de fórmulas: ele é um *piloto de travessias*, conhecedor das marés astrais e das correntes ctônicas, que traça rotas entre mundos. Essa navegação mágica é possível porque a Quimbanda — enquanto *goēteia afro-brasileira* — opera na interseção de três eixos fundamentais:

1. *Temporal* – regulado pelos ciclos lunares e pelas marés planetárias;
2. *Hierárquico* – estruturado nas *linhas de trabalho* ou *searas* de Exus e Pombagiras;
3. *Espacial* – ancorado na topografia mágica dos Nove Reinos da Quimbanda.

Ao associar os Nove Reinos da Quimbanda aos sete planetas errantes da astrologia clássica (Sol, Lua, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno), estabelece-se uma ponte entre a *geografia ctônica* e o *calendário celeste*, onde cada Reino pode ser acessado em ressonância com as marés astrais correspondentes. Essa integração não é alegoria, mas tecnologia: uma chave para reforçar a eficácia do rito e ampliar seu alcance.[9]

- *Reino da Terra – Saturno (aspecto construtivo)*: Primeiro reino da criação, estruturado a partir da solidificação da Terra. É a base material e ancestral, ligada às raízes, à saúde física, aos ganhos e à firmeza. Seus povos abrangem desde os Pretos-Velhos *Kimbandas* até os Exus Encantados que corporificam forças telúricas: Vulcões, Lodo, Pó, Fogo, Montanhas, Minas, Lombas e Pedras. É o fundamento ctônico por excelência, onde a pedreira se torna altar. O planeta que o rege é Saturno, cuja virtude aqui não é a morte, mas a estrutura: resistência, disciplina e paciência. É a pedreira onde o *kimbanda* finca os alicerces, sustentando obras duradouras.[10]
- *Reino das Águas – Lua*: Morada de Exu Gererê, general das marés espirituais. Este Reino rege emoções, inconsciente, criação e passagens. Trabalha tanto com nutrição quanto com afogamento e depuração. Seus povos — do Mar, dos Rios, das Cachoeiras, das Ondas, das Chuvas, das Profundezas, da Praia, dos Marinheiros e das Ilhas — refletem a multiplicidade das águas como alimento, perigo e portal. Seu planeta é a Lua, cuja virtude é a nutrição e a mobilidade: governando emoções, fertilidade e fluxos. É a corrente maternal e ancestral que purifica e move o rito.[11]
- *Reino das Matas – Júpiter*: Pulmão e ventre verde da Terra. Abriga a abundância vital, a cura e a sabedoria natural, mas também o veneno, a putrefação e a guerra silenciosa da floresta. Regido por Exu e Pombagira das Matas, reúne povos das Árvores, Serras, Cobras, Panteras, Flores, Raízes, Campinas, além

[9] *Cf*. Jake Stratton-Kent. GEOSOPHIA: THE ARGO OF MAGIC. Scarlet Imprint, 2010, onde a *goēteia* é definida como tecnologia ritual que articula *daimones* e astros, sendo ponto de origem de toda a magia ocidental.

[10] Sobre Saturno como fundamento construtivo e não apenas como *planeta da morte*, ver Stephen Skinner. THE COMPLETE MAGICIAN'S TABLES. Golden Hoard, 2023.Especialmente as colunas referentes a Saturno na magia planetária medieval.

[11] A associação da Lua às águas e à memória encontra eco na cosmologia côngo descrita por Bunseki Fu-Kiau em SELF-HEALING POWER AND THERAPY: OLD TEACHINGS FROM AFRICA. Black Classic Press, 2001, onde o ciclo lunar é mediador das marés vitais da geração e da ancestralidade.

das matas de praia e parques urbanos. É um espaço de alquimia mineral, vegetal e animal, onde o xamã e o predador se confundem. O planeta que o anima é Júpiter, cuja virtude é expansão, proteção e legitimidade: fecunda pactos, colheitas e alianças, garantindo a abundância e a lei natural.

- *Reino Africano – Sol*: Lugar da emergência do humano e da ancestralidade primeira. Centro solar da cartografia, é regido por Povos que reúnem memórias de cativeiro, quilombos, guerreiros e sacerdotes (Ganga, Angola, Congo, Daomé, Nàgô e Mussurumin). Aqui a consciência floresce como inteligência, religiosidade e manipulação dos elementos. O Sol ilumina o poder ancestral africano como matriz da Quimbanda. É regido pelo Sol, cuja virtude é centralidade, vitalidade e dignidade. Ele ilumina a consciência, sustenta a identidade e irradia a força da tradição africana como núcleo da Quimbanda.
- *Reino das Almas – Saturno (aspecto ctônico)*: Reino da morte e da ancestralidade, guardado por Exu Rei das Almas e Pombagira Rainha das Almas. É o campo onde o homem aprende que a morte é passagem e ligação com os antepassados. Nele habitam povos das Almas, dos Cruzeiros, dos Caveiras, das Tumbas, das Covas, dos Cemitérios, da Calunga, dos Templos e dos Hospitais. Suas cores, preto e branco, refletem o limiar da vida e da morte. O planeta é Saturno, mas em seu aspecto ctônico: virtude do fechamento, da memória e da passagem. Aqui ele sela, guarda e mantém a ponte entre vivos e ancestrais.
- *Reino das Encruzilhadas – Mercúrio*: Primeiro espaço de trânsito humano, onde múltiplos caminhos se encontram. A encruzilhada é um limbo sagrado, nem aqui nem lá, regido por Exu e Pombagira das 7 Encruzilhadas. Povos de ruas, lombas, trilhos, praças, matas, praias, calunga e até do espaço configuram este Reino. É o centro diplomático e psicopompo da Quimbanda, onde se fazem pactos, comunicações e aberturas de rotas mágicas. O planeta é Mercúrio, cuja virtude é mediação e movimento: traduz, negocia e abre rotas. É o psicopompo que garante comunicação e plasticidade mágica.
- *Reino do Oriente – Vênus*: Lugar das trocas, das viagens e da magia estrangeira. Envolve povos do Oriente Próximo e Distante, Egípcios, Indianos, Ameríndios, Ciganos, Europeus e Povos do Norte. Rege espiritualidade, prazer, comércio e cura. É território venusiano da beleza, do magnetismo e da sabedoria exótica, onde o cigano e o mago egípcio se encontram no mesmo fluxo. Seu planeta é Vênus, cuja virtude é atração, harmonia e refinamento. Ele governa as artes mágicas, a beleza, o comércio e a cura, sustentando o magnetismo do Oriente.
- *Reino das Trevas – Marte*: Espaço bélico da feitiçaria, onde a magia negra atinge seu ápice. Regido por Exu e Pombagira das Trevas, abriga povos do Luar, da Escuridão, das Sombras, da Mironga, dos Assassinos, do Inferno e dos Venenos. Aqui se encontram tanto os terrores noturnos (Morcego, Lobo, Gato Preto) quanto os feiticeiros *ndoki*.[12] É o campo do confronto, da

[12] A palavra *ndoki*, nas línguas kikongo e kimbundu, significa *feiticeiro* ou *demandador*, geralmente associado ao manejo de forças agressivas e perigosas, muitas vezes no contexto da feitiçaria noturna (*cf*. Wyatt MacGaffey. RELIGION AND SOCIETY IN CENTRAL AFRICA: THE BAKONGO OF LOWER ZAIRE. University of Chicago Press, 1986). Já *nganga*, em kikongo, refere-se ao *sacerdote* ou *chefe ritual*, aquele que domina a ciência das plantas, a comunicação com os ancestrais e a condução da comunidade espiritual (*cf*. Bunseki Fu-Kiau. SELF-HEALING POWER AND THERAPY: OLD TEACHINGS FROM AFRICA. Black Classic Press, 2001). Por sua vez, *kimbanda*, do kimbundu, designa originalmente o *curador* e oraculista, especialista em ervas, diagnósticos espirituais e restabelecimento da ordem vital, individual e social (*cf*. James H. Sweet. RECREATING AFRICA: CULTURE, KINSHIP, AND RELIGION IN THE AFRICAN-PORTUGUESE WORLD, 1441–1770. University of Carolina Press, 2003).

imposição e da alquimia do medo. O planeta é Marte, cuja virtude é a imposição: cortar, queimar e dominar. É a corrente bélica da Quimbanda, onde o fogo e a lâmina sustentam a magia ofensiva.

- *Reino da Lira – Vênus (prazer) / Mercúrio (movimento)*: Reino urbano e boêmio, onde música, artes, vícios e marginais se cruzam. Regido por Exu Rei das 7 Liras, é o palco da subversão e da inspiração artística, mas também da luxúria e da queda. Seus povos abrangem Música, Cabarés, Lixo, Comércio, Malandros, Cais, Ruas, Artes Teatrais e Vagantes. É a praça noturna onde se celebram os prazeres e se firmam pactos de fama e fortuna. É duplamente regido: por Vênus, cuja virtude é prazer e sedução; e por Mercúrio, cuja virtude é jogo social e movimento incessante. É o palco da inspiração artística e da luxúria que move pactos de fama e fortuna.[13]

No horizonte da *teologia noturna*, cada planeta não é apenas símbolo distante, mas corrente viva e ctônica que irrompe do submundo como maré de influxo. Saturno ancora e sela: no Reino da Terra ele estrutura, firma e dá base, enquanto no Reino das Almas ele guarda, encerra e preserva a memória dos mortos. A Lua nutre, move e conecta: rege os fluxos das águas, das emoções e do sangue, abrindo passagens de purificação e criação. Júpiter expande, protege e legitima: governa a abundância, fecunda pactos e garante a lei natural nas Matas. O Sol centraliza, vitaliza e irradia: é o coração do sistema, sustentando o Reino Africano como eixo da ancestralidade. Mercúrio media, desloca e traduz: atua nas Encruzilhadas e na Lira como psicopompo, diplomata e artífice da comunicação mágica. Vênus atrai, harmoniza e encanta: manifesta-se nos encantamentos do Oriente e nos prazeres urbanos da Lira como corrente de magnetismo, beleza e comércio. Marte corta, queima e impõe: é o senhor do confronto no Reino das Trevas, sustentando a feitiçaria bélica, a dominação e a alquimia do medo.

Vamos nos debruçar sobre quatro aplicações operativas desta *teologia noturna* da Quimbanda:

- *Roteiro planetário dos Reinos*: Para transformar essa cartografia em agenda operativa, combine três camadas: .i o *tempo modulador* (28 mansões lunares); ii. os *pontos fixos de condensação* (15 estrelas *behenianas*) e; iii. a

---

Na *Cova de Cipriano Feiticeiro*, tais termos foram integrados e ressignificados como graus e funções iniciáticas: *Kimbanda* designa o *adepto iniciado*, aprendiz dos segredos da feitiçaria; *Nganga* é o *sacerdote* ou *oraculista*, que trabalha para atender causas pessoais e sociais e operador direto dos segredos da feitiçaria; *Táta-Nganga* é o título reservado ao *Mestre de Quimbanda*, responsável pela transmissão iniciática, pela elaboração doutrinária, pelo governo da casa e pela guarda da tradição. Essa hierarquia reflete, em chave contemporânea, a tríade original da cosmologia bantu, adaptada às necessidades da Quimbanda como tradição iniciática e como *Ocultismo* brasileiro.

[13] Importa ressaltar que a correspondência entre os Nove Reinos da Quimbanda e os sete planetas errantes não é rígida, mas *sugestiva e operativa*. Em determinados contextos, por exemplo, Vênus pode ser associada ao Reino das Águas, pelo seu caráter nutritivo, sedutor e envolvente, enquanto Marte pode ser vinculado ao Reino das Almas, em virtude de seu aspecto de confronto e travessia entre vivos e mortos. Essas variações refletem a *plasticidade simbólica* que é própria tanto à cultura banto quanto ao uso operativo da astrologia nas práticas mágico-religiosas.

Deve-se também sublinhar que as *virtudes planetárias da Quimbanda são essencialmente ctônicas*, não urânicas ou siderais. Na astrologia clássica, os planetas eram concebidos como *astres errantes* que emanam influxos celestes de natureza estelar; na Quimbanda, ao contrário, eles são entendidos como *forças subterrâneas*, raízes do céu na terra, vinculadas aos ritmos lunares, aos ossos, ao sangue e às correntes dos mortos. Assim, se o Saturno helênico é um deus planetário distante, o Saturno na Quimbanda é pedra, cemitério e osso; se a Vênus clássica é estrela matutina ou vespertina, Vênus na Quimbanda é encantamento, prazer e feitiço que se corporifica no corpo e na carne. Ver Bunseki Fu-Kiau. SELF-HEALING POWER AND THERAPY: OLD TEACHINGS FROM AFRICA. Black Classic Press, 2001. Ver também Jake Stratton-Kent. GEOSOPHIA: THE ARGO OF MAGIC. Scarlet Imprint, 2010.

*geografia angular* (as 12 casas/*topoi*), usando dias/horas planetárias como *marés* previsíveis. Assim você marca janelas de maior potência quando: o planeta regente do Reino está em dignidade (domicílio/exaltação) ou em aspectos favoráveis, i.e. quando os aspectos dos planetas favorecem o operador e, ao mesmo tempo, ocupa zona angular do mapa eletivo (Asc/MC/IC/Desc), tomada aqui como *trono* ou *portus* de manifestação espiritual. Essa arquitetura — mansões (fluxo), estrelas (fixação de virtude) e casas (área de incidência) descrita nos ensaios anteriores — cria, na prática, um *templo angular* no céu para posicionar cada operação com precisão. Ao lado disso, os dias/horas em ordem caldeia (Sol, Lua, Marte, Mercúrio, Júpiter, Vênus, Saturno) dão a cadência semanal e horária do roteiro.

- *Abertura de rotas*: Para Encruzilhada (Mercúrio), a experiência confirma três aceleradores: i. Hora/Dia de Mercúrio para imprimir mediação, tradução e trânsito; ii. Lua crescente para *espíritos rápidos* e pedidos que exigem resposta veloz; iii. mansão compatível com deslocamentos, mensagens e comércio. O encadeamento típico é: escolher a quarta-feira ou hora de Mercúrio; garantir Lua em crescimento; e eleger uma mansão de assinatura dinâmica (no seu quadro de mansões). Se possível, ponha Mercúrio angular (Asc/MC) no mapa da operação para que a abertura *apareça no mundo*. Essa lógica (dias/horas, fase lunar e mansões dentro de um esquema tropical) e o uso de ângulos como tronos mágicos foi apresentada nos ensaios anteriores.
- *Selamento de operações*: Para selar/encerrar no Reino da Terra (Saturno construtivo): use sábado ou hora de Saturno e privilegie mapas em que Saturno esteja forte (por posição/condição) e, se possível, angular — pois os ângulos funcionam como tronos de fixação. A tradição astrológica mostra Saturno operando por jejum/disciplina e rito próprio, justamente para *obter o que se deseja* após a convocação da inteligência terrestre adequada — o que, traduzido à *teologia noturna*, vira fechamento, limite, forma, memória. No pano de fundo, lembre dessa chave da goécia: mesmo quando lidamos com planetas/estrelas, o fundamento permanece necromântico e ctônico — daí a eficácia de Saturno como selo entre vivos e mortos.
- *Cerco e conquista*: Para operações bélicas no Reino das Trevas (Marte): alinhe terça-feira ou hora de Marte, Lua crescente (impulso e prontidão) e, no mapa eletivo, ponha Marte angular (Asc/MC) e em aspecto aplicativo que sustente corte/posição (trígonos/sextis com dispositor ou com o luminar da operação). Tanto o princípio eletivo *agir quando os aspectos favorecem* quanto a prática de potencializar o planeta com dia/hora próprios — além da regra empírica de recorrer à Lua crescente para ações rápidas e combativas, potencializam a operação. O resultado é impacto intensificado e maior dificuldade de reversão, porque a virtude marcial fica literalmente *no trono* do céu daquele rito.

A integração entre os Nove Reinos e os sete planetas errantes insere uma camada de precisão matemática e astrológica nesta cartografia da *teologia noturna* da Quimbanda. Isso concede ao *kimbanda* não apenas conhecimento do território espiritual, mas também a leitura das marés celestes que o banham.

Na *teurgia noturna*, essa integração não é mero adorno erudito: é tecnologia espiritual. É a bússola que orienta onde atuar (o Reino), quando (o planeta em seu ciclo) e como (o rito alinhado à corrente). Dessa forma, o mapa não é estático: é

templo móvel, erguido e dissolvido na mesma noite, sustentado pela convergência entre a geografia ctônica dos Reinos e a mecânica celeste dos planetas.

Assim, a Quimbanda se afirma como herdeira direta da *goēteia* antiga e filha maior da *nova síntese da magia*, estabelecendo uma cartografia que une mortos, *inteligências terrestres* e astros em um mesmo circuito ritual — uma verdadeira *teologia noturna* enraizada no solo afro-brasileiro.

## CONCLUSÃO: A TEOLOGIA NOTURNA DA QUIMBANDA

A cartografia da Quimbanda não deve ser compreendida como geografia empírica nem como mera projeção astronômica, mas como parte de uma *teologia noturna*: um sistema simbólico e operativo que articula Reinos, planetas e *inteligências terrestres* do GRIMORIUM VERUM em um mesmo horizonte escatológico. Os Nove Reinos, longe de serem lugares fixos, constituem diagramas espirituais comparáveis às casas zodiacais ou às moradas lunares, funcionando como campos de travessia entre vivos e mortos, entre Terra e Céu.[14] Os sete planetas errantes — Lua, Mercúrio,

[14] Quando se afirma que os Nove Reinos da Quimbanda não são *lugares fixos*, a crítica está dirigida a qualquer leitura literalista ou geográfica. Esses Reinos não podem ser reduzidos a mapas do além ou localizações astrais estanques. Eles operam como *diagramas espirituais*, i.e. como campos de força que articulam relações entre mundos.

A comparação com as casas zodiacais é precisa: na astrologia, as casas não são lugares físicos no céu, mas divisões simbólicas que marcam experiências da vida (família, profissão, morte, espiritualidade etc.), estruturando a leitura do horóscopo. Do mesmo modo, os Reinos da Quimbanda são espaços relacionais, cada qual organizando um conjunto de forças, entidades e experiências rituais.

A analogia com as moradas lunares reforça a dimensão temporal e cíclica desses Reinos. Assim como a Lua, ao percorrer o zodíaco, ativa diferentes mansões que condicionam a eficácia mágica (proteção, amor, guerra, prosperidade), os Reinos também se abrem ou se tornam mais potentes em determinados contextos rituais, ligados a horas planetárias, trânsitos e condições climáticas.

Dizer que funcionam como campos de travessia entre vivos e mortos, entre Terra e Céu significa que os Reinos são liminares: neles se dá o encontro de duas margens da existência. O feiticeiro trabalha nesses limiares como um navegador que cruza oceanos: cada Reino é um porto, uma encruzilhada, uma passagem que conecta o visível ao invisível, o encarnado ao ancestral, o cósmico ao ctônico.

Em síntese: os Reinos não são geografias espirituais fixas, mas topologias dinâmicas, comparáveis a diagramas astrológicos. Constituem não apenas *onde* algo ocorre, mas *como* e *em que chave* o poder espiritual se manifesta. É por isso que se pode dizer que a Quimbanda, ao trabalhar com os Nove Reinos, elabora uma *cabalá crioula*, um sistema de correspondências e passagens que une vivos e mortos, Terra e Céu, noite e estrela.

| *Reino* | *Casas Astrológicas* | *Mansões Lunares* | *Função de Travessia* |
|---|---|---|---|
| Reino da Terra (Saturno) | Casa IV (raízes, ancestralidade, lar) | 3ª Mansão (Al-Thurayya, proteção e fundamento) | Porto de fixação e selamento; raiz e estrutura. |
| Reino das Almas (Saturno) | Casa VIII (morte, herança, além) | 28ª Mansão (Al-Batn al-Hut, dissolução e retorno) | Ponte entre vivos e mortos; mediação necromântica. |
| Reino da Lua (Lua) | Casa XII (retiro, sonhos, inconsciente) | 9ª Mansão (Al-Tarf, revelação e purificação) | Espaço onírico, nutrição sutil, oráculos. |
| Reino das Matas (Júpiter) | Casa IX (expansão, sabedoria, colheitas) | 14ª Mansão (Al-Simak, abundância e proteção) | Campo de expansão vital, pactos e fertilidade. |
| Reino Africano (Sol) | Casa X (autoridade, coração do destino) | 23ª Mansão (Al-Baldah, vitalidade e poder) | Centro solar; irradiação e legitimação. |
| Reino da Encruzilhada (Mercúrio) | Casa III (caminhos, comunicação, movimento) | 11ª Mansão (Al-Zubrah, deslocamentos e contatos) | Lugar de abertura de rotas, trocas e contratos. |
| Reino da Lira (Mercúrio/Vênus) | Casa V (prazeres, arte, encantamento) | 13ª Mansão (Al-Gafr, encantamentos e seduções) | Espelho da alma, música, feitiçaria amorosa. |
| Reino do Oriente (Vênus) | Casa VII (alianças, casamentos, diplomacia) | 15ª Mansão (Al-Zubana, uniões e alianças) | Campo de união, harmonização e beleza ritual. |

Vênus, Sol, Marte, Júpiter e Saturno — fornecem o ritmo cósmico dessa travessia, enquanto as estrelas fixas ancoram correspondências estáveis que dão consistência à prática.

Nessa chave, a Quimbanda reafirma a lógica que Hans Dieter Betz identifica nos PAPIROS MÁGICOS GREGOS: uma estrutura catabática, centrada em cavernas, encruzilhadas e espaços liminares que funcionam tanto como cenários quanto como diagramas cosmológicos.[15] O noturno, aqui, não é metáfora de ignorância, mas *condição de revelação*: é na noite que o rito se abre, é na sombra que o feitiço encontra voz, e é na encruzilhada que a visão se manifesta. Do mesmo modo, os gregos descrevem os *daimones* como habitantes das regiões intermediárias, mediadores entre deuses e homens — uma função que a Quimbanda traduz em chave afro-diaspórica nos Exus e Pombagiras.

Na leitura de Jake Stratton-Kent, a *goēteia* sempre foi uma *teologia subterrânea*, onde a hierarquia espiritual é simultaneamente astrológica e ctônica. Em GEOSOPHIA ele afirma: *Os espíritos da goécia pertencem às potências do submundo, mas sua hierarquia é astrológica; são daimones cujo domínio faz a ponte entre os céus e o mundo ctônico*.[16] Essa perspectiva ilumina a Quimbanda: seus espíritos pertencem ao domínio noturno e ctônico, mas são ordenados segundo uma lógica astrológica, na qual graus zodiacais, mansões lunares e estrelas fixas estruturam sua atuação.

A *teologia noturna* da Quimbanda emerge, assim, como uma *ontologia da encruzilhada*: nela, os mortos são mestres, os planetas são guias, e a noite é templo. Contra a verticalidade solar das teologias transcendentais, a Quimbanda assume a descida (*katábasis*) como via iniciática. Seus Reinos não são territórios geográficos, mas diagramas de poder; seus planetas não são astros distantes, mas marés ctônicas; suas estrelas não são ornamentos celestes, mas fundamentos operativos. Ao articular tradição afro-brasileira, grimórios europeus e a herança helênica, a Quimbanda brilha como a expressão mais consistente da *goēteia* contemporânea: uma teologia noturna, monumental e criadora, em que céu e inferno, vivos e mortos, *inteligências terrestres* e astros se encontram na encruzilhada do rito.

Táta Nganga Kamuxinzela
*Cova de Cipriano Feiticeiro*

---

| | | | |
|---|---|---|---|
| Reino das Trevas (Marte) | Casa VI (combates, doenças, rupturas) ou Casa I (afirmação e ataque) | 19ª Mansão (Al-Shaula, guerra e dominação) | Campo bélico e ofensivo; magia de imposição. |

Na astrologia helenística, as casas (*tópoi*) não eram concebidas como lugares físicos no céu, mas como diagramas espirituais que descreviam dimensões da vida e da alma. Vétio Valente (120–175 d.E.C.), em sua *Anthologiarum libri*, mostra o 4º *tópos* como o da ancestralidade (*oikia*), o 8º como o da morte e da herança, e o 12º como o das prisões e infortúnios — não em sentido geográfico, mas como ámbitos de experiência. Firmicus Materno (300–360 d.E.C.), em sua *Matheseos libri VIII*, confirma essa perspectiva, tratando os *tópoi* como *campos de destino* que modulam a influência planetária. Estudos modernos (*cf.* Robert Schmidt. DEFINITIONS AND FOUNDATIONS. Project Hindsight, 1995) reforçam que *tópos* significa *lugar existencial*, não coordenada espacial. A analogia com os Nove Reinos da Quimbanda é evidente: ambos são *mapas espirituais de travessia*, estruturando experiências de vida e morte.

De modo paralelo, as mansões lunares, herdadas da astronomia babilônica e sistematizadas na astrologia árabe medieval, também não são regiões materiais, mas *divisões simbólicas do percurso da Lua*, cada qual associada a operações mágicas específicas — como separação, cura, destruição de inimigos ou proteção de casas. A primeira mansão (*Alnath*) é propícia a viagens, enquanto a décima (*Al-Jabha*) favorece vitórias em disputas. Tal como nos Nove Reinos, cada mansão funciona como *porta de trânsito* entre mundos, canalizando influxos cósmicos para fins práticos de feitiçaria e teurgia.

[15] Hans Dieter Betz. THE GREEK MAGICAL PAPYRI IN TRANSLATION, INCLUDING THE DEMOTIC SPELLS. The University of Chicago Press, 1986, pp. xli–xlv.

[16] Jake Stratton-Kent. GEOSOPHIA: THE ARGO OF MAGIC. Vol. I. Scarlet Imprint, 2010, pp. 121.

CASA DE CIPRIANO FEITICEIRO
O CAMINHO DO DIABO